

LENDO O MUNDO E O CORPO NEGRO NAS RELAÇÕES : O DESENHO E A APREENSÃO DA DIVERSIDADE ÉTNICA ENTRE CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL. RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA.

MARA FERNANDA CHIARI PIRES (UNICAMP).

Resumo

A Psicologia sempre teve como inquestionável a importância do desenho como forma de expressão do modo como as crianças apreendem seu mundo e lidam com sua realidade interna e externa. Podemos dizer que o desenho é um sistema de signos, que, do simples rabisco, evolui para se transformar em um código gráfico praticamente universal, permitindo à criança fazer-se compreender, entrar em contato e assimilar o mundo adulto. Sua forma pictórica desenvolve-se de padrões simples a padrões progressivamente mais complexos, num processo de diferenciação gradual. Se o desenho permite que a criança expresse o modo como percebe a si mesma e ao seu mundo externo, poderia já revelar, em crianças em idade escolar, os desafios colocados em um contexto de alteridade? O auto-retrato de crianças negras indicaria, de algum modo, vivências de discriminação? O retrato realizado por crianças brancas de seus colegas de classe negros apresentaria algum indício de discriminação? Os diálogos estabelecidos durante a atividade ofereceriam elementos para se refletir sobre a questão da alteridade? Com estas questões em mente, escolhi como espaço de pesquisa uma instituição de ensino fundamental da rede particular da cidade de Santos. Ficou evidenciada a íntima ligação entre o desenho e o contexto histórico e cultural de que emerge. Mais do que o produto final acabado, os comentários surgidos durante a tarefa deixaram expostos os aspectos de discriminação que, precocemente, fazem parte do cotidiano escolar em relação às crianças negras.

Palavras-chave:

desenho, crianças, diversidade étnica.

A Psicologia sempre teve como inquestionável a importância do desenho como forma de expressão do modo como as crianças apreendem seu mundo e lidam com sua realidade interna e externa. Podemos dizer que o desenho é um sistema de signos, que, do simples rabisco, evolui para se transformar em um código gráfico praticamente universal, permitindo à criança fazer-se compreender, entrar em contato e assimilar o mundo adulto. Sua forma pictórica desenvolve-se de padrões simples a padrões progressivamente mais complexos, num processo de diferenciação gradual.

Se o desenho permite que a criança expresse o modo como faz a leitura de seu mundo e de si mesma, poderia já revelar, em crianças em idade escolar, os desafios colocados em um contexto de alteridade? Como as crianças se percebem nas relações estabelecidas na atividade escolar, e como tais percepções projetam conteúdos culturais internalizados pelas crianças de modo geral, e determinantes da auto-percepção da criança negra? O auto-retrato de crianças negras indicaria, de algum modo, vivências de discriminação? O retrato realizado por crianças brancas de seus colegas de classe negros apresentaria aspectos específicos dessa leitura de corpos negros, sugerindo algum tipo de discriminação? Os diálogos estabelecidos durante a atividade ofereceriam elementos para se refletir sobre a questão da alteridade?

O que busco é uma inteligibilidade sobre o modo como nas relações interpessoais da atividade escolar - especificamente na atividade de desenho- as crianças

revelam os preconceitos presentes na sociedade, determinando aspectos importantes na construção da identidade racial da criança negra. Com estas questões em mente, escolhi como espaço de pesquisa uma instituição de ensino fundamental da rede particular da cidade de Santos.

O desenho e a identidade racial:

Em estudo envolvendo desenho e construção da identidade étnica, Damião afirma serem ambos produções sociais, que envolvem relações de poder. Segundo a autora, os processos de construção do desenho e da identidade não são regidos por uma ordem harmônica e linear, mas produzidos nos interstícios da prática social, e carregam em si a marca da tensão, do conflito, da influência e da interação entre a criança e o outro (pais professores, colegas, irmãos, etc.). Segundo a autora, no desenho infantil estão presentes o individual e o social, o biológico e o cultural, o eu e o outro, o aspecto interpessoal e intrapessoal, pois é no jogo de forças entre esses elementos que o desenho é produzido. A constituição do desenho, assim como a do próprio homem se dá no plano da intersubjetividade. É através das relações que a criança estabelece com ela mesma, com outras pessoas e com o mundo físico que o seu desenho vai se revelando, não como algo natural ou espontâneo, mas como produção social, que foi gestada em uma sociedade permeada por relações de poder que determinam valores, normas e concepções de ser humano e de mundo.

Para a autora, o desenho infantil é uma linguagem que a criança utiliza para poder organizar e expressar as experiências que ela vai travando no e com o mundo, dentre as quais as relações étnico-raciais. Na produção de suas imagens gráfico-plásticas, as crianças podem revelar a forma como vêem a si mesmas, aos outros, e a essas relações, no modo como se encontram presentes em seu ambiente. Como fazem a leitura de seu mundo. Deste modo, o desenho infantil revela-se como uma linguagem social, através da qual a criança representa experiências vividas e imaginadas de si mesma e de sua relação com a realidade. No caso de crianças negras, as imagens do desenho não são imunes aos valores e regras que circulam na sociedade na qual estão inseridas, mas as refletem.

Gusmão (2005), em estudo sobre crianças negras, afirma que o desenho e a identidade se constituem na relação dialógica entre individualidade e sociedade. Segundo a autora (2005, p.196),

os desenhos procuram apreender a percepção, representação e memória do universo infantil com respeito à realidade em que se encontram inseridos e de onde emergem possíveis formas de representação de si mesmos e dos demais sujeitos com os quais compartilham os espaços...

A autora alerta para a necessidade de se dar atenção às linguagens nem sempre visíveis e explícitas, produzidas na infância através da vida vivida e da imaginada, através da qual a criança reordena as regras do mundo onde está e vive. Por meio dessa linguagem, a criança, portadora de marcas sociais, expressa a maneira como olha seu mundo e como acredita ser olhada por ele, "de quem ela é, e de quem é quem" (GUSMÃO, 2005, p.204).

Onde está o "lápis cor da pele"?

As crianças que fizeram parte deste estudo pertencem a classes escolhidas por possuírem crianças brancas e negras, em uma escola de ensino fundamental da

rede particular da cidade de Santos, em junho de 2008. Todas elas se ofereceram espontaneamente para participar de um "horário de desenho", sendo escolhidas crianças brancas e negras, com relações de amizade de cada classe.

Em uma sala oferecida para este trabalho, crianças de uma mesma classe encontraram material para desenho e pintura, como canetas hidrográficas, caixas de giz de cera e lápis de cor com cores diversas, e receberam a seguinte orientação: "desenhem vocês mesmos, acompanhados de seu maior amigo". A idéia era observar o modo como as crianças se representavam e como eram representadas pelas demais.

Os desenhos foram propostos em dois momentos diferentes, para três pequenos grupos. Chamarei de grupo A, o formado por 8 crianças entre 8 e 10 anos, de 4º e 5º anos do período da manhã, que se ofereceram para desenhar. Este grupo contava com um menino negro, outro mulato, três meninos brancos, três meninas brancas. No grupo B, 4 crianças de 8 a 9 anos, do 5º ano da tarde. Eram três meninas brancas e um menino negro. O grupo C era composto por outras quatro crianças, de 5 a 6 anos do 1º ano fundamental. Eram duas meninas brancas, um menino branco e um menino negro.

Nos diferentes grupos a proposta foi recebida com simpatia e as crianças, imediatamente, começaram a desenhar. Confirmando a literatura, o resultado final, contudo, não expõe a riqueza de comentários que eram feitos pelas crianças durante seu trabalho. Minha atenção estava voltada, principalmente para o uso das cores na representação da pele, e, nos três grupos, testemunhei situações que justificam uma reflexão.

GRUPO A.

O grupo, bastante animado, começa a fazer seus desenhos, a partir do esboço do próprio corpo e do corpo do amigo. Na hora da pintura e da escolha dos lápis V. (8 anos) fala :

- Cadê o lápis cor de pele? Alguém viu?

Pergunto:

- Que lápis é esse, cor de pele?

N. (9 anos) próxima às caixas de lápis, retira um lápis rosa claro da caixa e fala:

- É esse daqui, tia!

- É esse? - questiono, simulando dúvida - Mas a minha pele não é dessa cor!!!

V. responde :

- Mas é esse mesmo, tia!!!! Olha aqui, olha! É clarinho como pele!!!!

As demais crianças concordaram., com exceção de E. (9 anos), negro, que permaneceu em silêncio. Calei, aguardando como E. escolheria o lápis para pintar seu auto-retrato e como as demais crianças o pintariam, caso o tivessem escolhido. Timidamente, E. pega uma caneta hidrográfica marrom, e começa a pintar seu desenho. Ao olhar para o lado, olha para o desenho de seu amigo I. (8 anos) que o representara e também representara duas meninas.. I está iniciando a pintura dos

desenhos , começando pelo rosto desenhado de E. Para surpresa de E, I. o faz com o "lápiz cor de pele". E. reclama :

- Oh! O que é q você está fazendo comigo????? Eu sou negro! NEGRO!!! (ênfatisa). Não me pinta com essa cor não!

E. pega a caneta hidrográfica marrom e interfere no desenho do amigo, pintando de marrom aquele que seria seu retrato.

J. (10 anos), mulato, pega um lápis de cor marrom claro e pinta o seu rosto no auto-retrato. Entretanto, J. também havia anteriormente confirmado que o lápis "cor de pele" tinha esse nome porque era da cor da pele. M. (10 anos), que escolhera J. como amigo para retratar, escolheu um marrom claro , sem fazer qualquer comentário.

GRUPO B.

J. (9 anos) inicia rapidamente o desenho, e retrata, além de si mesma, MC, G e L. O último desenho que realiza é o retrato de si mesma. L. (9 anos), sentado ao seu lado, ao ver que foi escolhido para ser representado como amigo, vai avisando :

- Na hora de pintar não esqueça, heim? Eu sou negro. Sou o único negro aqui.- e, voltando-se para o resto do grupo, continua: - Vê lá se vocês vão esquecer e me pintar de outro jeito, heim?

M.C. (9 anos), ao ouvir, responde

- Eu, não NUNCA vou te pintar de negro!!!! Eu não sou racista, viu???? Vou pintar você igualzinho a todo mundo, com lápis cor de pele!!!!

L., aparentemente confuso, abaixou a cabeça e continuou a desenhar, agora lentamente, como que adiando a hora de colocar colorido em seu desenho, coisa que efetivamente só fez quando já não restava mais nenhuma criança na sala.

L. foi o último amigo retratado por M.C., que, apesar de declarar que o pintaria "igualzinho a todo mundo", escolheu para dar colorido ao retrato um lápis de cor marrom bem claro.

J., no momento de pintar o desenho, pergunta pelo "lápiz cor de pele", pega-o entre os outros e inicia pela pintura do retrato de L. Este a corrige :

- Ei, eu avisei! Você ia esquecer e me pintar da cor errada só porque eu sou o único negro aqui!

J. pede desculpas, avisa que "se confundiu", pega o lápis marrom e pinta o retrato de L. Para todos os outros retratos, usa o mesmo lápis "cor de pele".

GRUPO C:

O grupo começa a desenhar animadamente, com exceção de V (6 anos), um menino negro, a única criança negra presente, que observa os demais como se não houvesse entendido a tarefa proposta. Olha ao lado para T (6 anos), que fala todo o tempo sobre como os pais dizem a ela que desenha bem e será artista. T, porém, desconsiderou a tarefa atribuída, começando por desenhar nuvens e uma flor...V olha para as demais crianças, pega as canetas hidrográficas verde e vermelha e rabisca sua folha. E. (6 anos), ao seu lado, lembra que ele deveria desenhar a si próprio e ao seu amigo ou amiga. V. desenha então, com a caneta verde, figuras humanas em cantos da folha e se diverte atribuindo, às figuras, nomes de colegas da sala. Entre V. e T. está sentada MV.(6 anos) que pergunta:

- Alguém está usando o lápis cor de pele?

Ninguém responde, e a menina procura, entre os lápis colocados ao centro do grupo, aquele que designou como "cor de pele". Ao ouvir MV., V.. interrompe o seu trabalho, e fica olhando MV. pegar o lápis e pintar os desenhos feitos. Pede uma nova folha e alega:

- O meu desenho está muito feio. Quero fazer outro.

E inicia um novo desenho. Ao retratar a si mesmo, vira-se para MV. e pede :

- Passa pra mim o "lápis cor de pele".....

E pinta a si mesmo com aquele lápis rosa claro.

A oportunidade de observar esses grupos desenhando, permitiu que ficasse confirmada a colocação de Sílvia Cintra da Silva sobre a relação entre o falar e o desenhar. Citando Vigotski, a autora sublinha a importância da fala auto-organizadora na ordenação do desenho, como também da fala nas trocas dialógicas. Foi a fala das crianças que mais trouxe elementos para se perceber os aspectos de discriminação suscitados pela tarefa. O exame do resultado acabado do desenho, não nos possibilitaria a riqueza de informações que obtivemos por acompanhar o processo de execução e a conversa entre as crianças.

Conclusão:

Acompanhar o processo de execução destes desenhos e a conversa entre as crianças enquanto os executavam, permitiu-me confirmar dados já apresentados por outros pesquisadores. Ficou evidenciada a íntima ligação entre o desenho e o contexto histórico e cultural de que emerge. Mais do que o produto final acabado, os comentários surgidos durante a tarefa deixaram expostos os aspectos de discriminação que, precocemente, fazem parte do cotidiano escolar em relação às crianças negras. Ao mesmo tempo em que a criança branca percebe o preconceito ao negro como algo ruim, negativo, não desenhar a cor do amigo negro, equivocadamente tomada como "considera-lo igualzinho a todo mundo", revela a dificuldade da criança em respeitar a identidade racial de seu colega. A partir do estereótipo do "ideal branco", identificar o outro como negro é evocar o estereótipo negativo que vem acompanhando os negros há séculos. Ao mesmo tempo, a criança negra, depara-se com essa resistência em vê-la, em reconhece-la, e reage a isso com o silêncio, como descrito por Cavalleiro. Silêncio este que pode indicar

terem sido internalizadas por ela as concepções negativas, elaboradas historicamente. Esta pode, também, ser a explicação para a escolha do lápis "cor de pele" feita por V. para pintar seu próprio retrato. A criança busca se identificar e retratar como crianças com caracteres próximos ao ideal branco. O "outro", como afirma Silvia Cintra da Silva, está presente no desenho o tempo todo. E não apenas "o outro" como tal, eu diria. Mas o outro no contexto da complexidade das relações de poder estabelecidas em nossa história como povo.

Bibliografia:

AQUINO, A.M., CUNHA, M A C., COSTA, M. P. S. e RIBEIRO, C. M. *Relações Étnico-raciais e educação infantil*. UEG, 2005.

ARNHEIM, Rudolf. *Arte & Percepção visual - uma Psicologia da Visão Criadora*. Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo: Contexto, 2000.

COX, Maureen, *Desenho da Criança*, Martins Fontes, S. Paulo, 1995.

DAMIÃO, Flávia de Jesus. *O desenho infantil e as relações étnico-raciais na educação infantil: uma discussão necessária*, texto capturado na internet, em 23/05/08, em http://www.neppi.org/anais/textos/pdf/desenho_infantil.pdf

DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil*.

São Paulo: Scipione, 1989.

_____. *O desenho da figura humana*. São Paulo: Scipione, 1990.

DI LEO, JOSEPH. *A interpretação do desenho infantil*. Porto alegre. Artes médicas.

1991.

FAZZI, Rita de Cássia, *O drama racial de crianças brasileiras - socialização entre pares e preconceito*. Belo Horizonte. Ed. Autêntica, 2004.

FERREIRA, Sueli. *Imaginação e linguagem no desenho da criança*. São Paulo: Papyrus, 1998.

FREIRE, Paulo, *A importância do ato de ler*, São Paulo, Cortez, 1982.

GARDNER, Howard. *As artes e o desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GOODNOW, Jacqueline, *Desenho de Crianças*, Moraes Editores.

GREIG, P. *A criança e seu desenho- o nascimento da arte e da escrita*. Artmed, 2004.

GUSMÃO, Neusa M.M. *Os filhos da África em Portugal - Antropologia, multiculturalidade e educação*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2005.

_____, Neusa M.M. *Socialização e Recalque: a criança negra no rural*. Cadernos

Cedes. Campinas.(p: 40-83).

KELLOGG, R. *Children's drawing, children's mind*. New York: Avon, 1979.

LOWENFELD, Viktor. *A criança e sua arte*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

_____. & BRITAIN, W. Lambert. *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LUQUET, Georges H. *O desenho infantil*. Porto: Editora Civilização, 1969.

LURÇAT, Liliane. *L'activité graphique à l'école maternelle*. Paris: Les Éditions ESF.

MEREDIEU, Florence de *O Desenho Infantil*, trad. De Álvaro Lorencini e Sandra M. Nitrini, do original francês *Le Dessin d'Enfant*, Ed. Cultrix, SP.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 1987a.

_____. *Universos da arte*. Rio de Janeiro: Campus, 1987b.

_____. *A sensibilidade do intelecto*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. & BRITAIN, W. Lambert. *Desenvol*

PEREIRA, João B. B., (1987). *A criança negra: identidade étnica e socialização*. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, nº 63, nov., p. 41-46.

ROCHA, Edmar José da; ROSEMBERG, Fúlvia. *Autodeclaração de cor e/ou raça entre escolares paulistanos(as)*. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, v. 37, n. 132, 2007 .

ROUMA, Georges. *El Lenguaje Gráfico Del Niño*. Buenos Aires: Librería y Editorial El Ateneo.

SILVA, Silvia Maria Cintra da. *A Constituição Social do Desenho da Criança*.

STERN, Arno. *Comprension del arte infantil. Argentina. editorial Kapeluz. 1962*

_____. *Aspectos e técnicas da pintura de crianças*. Lisboa. 1974

_____. *Interpretación del arte infantil*. Buenos Aires: Kapelusz, 1969.

_____. *Aspectos e técnicas da pintura de crianças*. Lisboa: Livros Horizonte, 1974.

WINNICOTT, D.W. *A Criança e seu Mundo*, Zahar Editores, Rio de Janeiro. 1975.

VALENTE, Ana Lucia. *Ação Afirmativa, relações raciais e educação básica*. Rev. Bras. Educ. no.28 Rio de Janeiro Jan./Apr. 2005

VYGOTSKY, Lev. *La imagination y el arte en la infancia*. México: Hispánicas, 1987.

_____. *A Formação Social da Mente*. São Paulo. Martins Fontes. 2003.

_____. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo. Martins Fontes. 2003.